

Nietzsche e a vantagem de ficar para trás, meditando sentido (*besinnen*)
Nietzsche and the advantage to remain behind, thinking the sense (*besinnen*)

Leonardo Mees
Doutorando do PPGF-UFRJ-Bolsista CAPES

Resumo: A questão nietzschiana sobre o “espírito de vingança” é focada no texto, desde uma contraposição reflexiva com um exemplo literário de vingança reparadora: *A visita da velha senhora*, de Friedrich Dürrenmatt. O espírito de vingança quer “fermentar todo o mundo” com sua medida de “verdade”, para isto não pode ficar para trás, meditando o sentido (*besinnen*) no jogo dos fatos da vida, precisa “ir contra o tempo e o seu era”. Nietzsche entende que quem fica para trás e aprende a jogar com o mundo pode, com um “grande esforço de meditação” (*Besonnenheit*), superar a recalcitrância metafísica contra o tempo.

Palavras-chave: meditar sentido; tempo irreversível; espírito de vingança; superação da metafísica; jogo.

Abstract: This article focalizes the Nietzschean question about the “spirit of revenge” and confronts it with an example of literature, which puts on view the repairing revenge: *The visit of the old lady*, of Friedrich Dürrenmatt. The spirit of revenge wants “to ferment the whole world” with his measure of “truth”, therefore it cannot remain behind, thinking the sense (*besinnen*), cannot stay playing the game of life facts, it needs always to “go against the time and its ‘it was’”. Nietzsche understands that one, who remain behind and learn to play with the world, can overcome the metaphysics Will’s antipathy to the time, with a “great effort of think of the sense” (*Besonnenheit*).

Key-Words: to think the sense; the irreversible time; the spirit of revenge, the overcoming of metaphysics; the game.

1. O contramovimento ao niilismo: pensar sentido (*besinnen*)

Numa anotação póstuma de 1887, Nietzsche descreve o advento histórico do niilismo como uma torrente [*Strom*] inquieta, violenta e precipitada, um movimento tenso e torturante, que, a todo custo, desde há muito, quer chegar a um fim, quer logo alcançar o ponto catastrófico de uma derradeira ruína. Esta torrente niilista, no entanto, nunca alcança o seu fim – continuamente cria novos impulsos para seguir sua marcha inquieta. Ela tem receio de pôr-se à margem de seu fluxo desenfreado, tem medo de pôr-se à parte de seu curso histórico e sentir o sentido, tem medo de ficar junto do sentido de sua destinação, de meditar sobre tudo que sente (*sinnen*) e de tudo que deixou de sentir em sua origem pretérita e em suas reivindicações atuais de sentido (*Sinn*). Para poder descrever e pensar este movimento de irreflexão torrencial do niilismo, Nietzsche dirige na contramão deste fluxo e, somente indo de encontro e contra este fluxo, somente ouvindo o contra-movimento (*Gegenbewegung*) desta torrente de

irreflexão histórica, ele encontra uma possibilidade de pensamento, de meditação e ponderação daquilo que se sente e do que se deixa de sentir. Nietzsche afirma a respeito de si mesmo que ficou para trás neste fluxo incontido do niilismo e que não tem feito “outra coisa até aqui senão pensar a destinação de sentido [*sich besinnen*]”¹. O que é isto que Nietzsche tem feito e que ele denomina de “meditação do sentido” ou “pensamento que fica junto do aviamento de sentido” [*Besinnung*]?

2. O significado de *besinnen*

Já mesmo a palavra alemão *be-sinnen* nos oferece uma indicação de significação. O prefixo “*be-*” deriva da preposição “*bei*”, que significa “junto a, na casa de, nas proximidades de, perto de”. “A função do prefixo *be-*”, segundo Elmar Seebold, “era originalmente apenas de localização espacial, depois foi generalizada como uma forma de intensificação e de transitividade de verbos originalmente intransitivos”². Supõe-se que a palavra alemã “*Sinn*”, sentido ou modo de sentir, seja derivada do verbo “*sinnan*”, do antigo alto alemão, quando significava viajar, pôr-se a caminho, seguir um curso. *Sinnen* tinha no alemão antigo o significado de considerar e estar atento ao seguimento de um caminho, perceber e sentir o direcionamento do caminho. Significado este que ainda pode ser encontrado na palavra holandesa “*zin*” e na noção alemã de séquito (*Gesinde*). “O séquito era originalmente um grupo de seguidores, que assumiam a insegurança da busca de um caminho e a ousadia de deixar em aberto o seu fim”³. Já mesmo no plano semântico, *Besinnung*, aquela ação do contra-movimento nietzschiano à torrente niilista, indica um modo de ficar e de se deter junto a e nas proximidades daquilo que está à caminho, um modo de sentir e estar atento a um determinado sequenciamento do caminhar. No entanto, por radicalizar a busca e a ousadia do caminhar, este modo de ser do *besinnen*, esta intensificação e transitividade do seguimento, deixa em aberto a destinação final daquilo que está se sentindo e

¹ Nos referimos aqui ao esboço de um prefácio de sua obra futura *A vontade de poder*; ele pode ser encontrado no volume 13 da edição crítica de estudos de sua obra (KSA 13, 11[412], p. 189-190) e no início de *A vontade de poder*, livro organizado por sua irmã Elizabeth Förster-Nietzsche e por seu amigo Heinrich Köselitz, em 1906 e 1911 (edição mais ampliada), tradução brasileira de Marcos Sinésio e Francisco Moraes, p. 23.

² Cf. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Exemplos: *bedecken*, *beklagen*, (reforço, intensificação), *beleuchten* (transitividade), *bekleiden* (prover com, de).

³ ROMBACH, Heinrich. *Die Welt als lebendige Struktur*, p. 26.

percebendo no aviamento do caminho. *Besinnen* significa intensificar o sentimento do sentido no aviamento de um caminho, “pensando até o fim os próprios sentidos” (ZA II, *Nas ilhas bem-aventuradas*). Pensar até o fim não significa aqui divisar um fim trans- e ultramundano, uma meta segura e imutável para além do caminho que se está a seguir, mas intensificar e tornar transitiva a ousadia e a insegurança constitutivas de todo seguimento. *Besinnen* significa *mutmassen*, ter coragem de dimensionar, conjecturar e supor aquilo que se sente e que se deixa de sentir no andamento do caminho, encontrar o sentido “no limite daquilo que pode ser pensado” (ZA II, *Nas ilhas bem-aventuradas*).

Mas o próprio Nietzsche, na continuação deste aforismo póstumo sobre o niilismo europeu, nos dá uma indicação daquilo que ele entende por *besinnen*, pois tudo que é dito depois está precedido por dois pontos. Segundo Nietzsche *sich besinnen* significa: 1) ser filósofo-eremita, isto é, “encontrar sua vantagem no fato de ter ficado para trás [*Zurückgebliebenheit*], encontrar sua vantagem na paciência, na procrastinação, encontrar sua vantagem no estar à parte e fora” (KSA 13, 11[412], p. 190) da torrente que quer a todo custo chegar ao fim e alcançar uma meta derradeira; 2) significa ser um espírito ponderador e tentador, ou seja, já ter seguido uma vez as errâncias em cada labirinto do futuro, já ter se disposto a experimentar as consequências fatais de uma errância; 3) significa ser um espírito vaticinador, ou seja, já ter olhado para trás de si para contar o que há de vir, significa ver o futuro em retrospectiva. Estas três indicações referem-se a um modo de lidar com o movimento torrencial do niilismo histórico, ou melhor, referem-se ao modo como “o primeiro niilista consumado da Europa” se dispõe no tempo a pensar o seu tempo, como ele encontra sua possibilidade e vantagem de ser no tempo, seguindo o que fica na contramão desta torrente. Estas três indicações de significação de pensamento de sentido estão estritamente relacionadas com a reflexão nietzschiana acerca do tempo, ou seja, quando Nietzsche pensa sentido, quando ele *besinnt*, ele se detém junto a e nas proximidades daquilo que acontece no tempo do mundo.

Este pensamento que avia sentido pode contemplar, “do cume de sua meditação” (KSA 12, 7[54], p. 312), o caminho das transformações do espírito, pode contemplar o caminho de aproximação criativa do devir da vontade de poder ao ser do eterno retorno. O pensamento que avia sentido pode contemplar o ser do jogo eterno do mundo porque “joga o grande jogo” de superação do homem, porque quer “alcançar algo mais elevado

que a conservação da espécie” e porque neste jogo “empenha [*dransetzen*] toda a existência humana”, (KSA 10, 10[26], p. 372). Jogando o grande jogo de superação do homem, o pensamento de sentido encontra sua vantagem em meditar sobre a vontade criativa da terra, em ficar para trás na escuta obediente e fiel ao sentido da terra. No jogo de obediência e mando da vontade criadora da terra o pensamento de sentido redime o mundo da loucura dos transmudanos, cura a doença da recalcitrância contra o tempo e o seu era, redime a vontade da loucura do “espírito de vingança”. A redenção dos limites temporais da vontade acontece como um jogo de retomada do próprio, acontece como a virada da vontade do jogador na ciranda da vontade do jogo: o jogador afirma o jogo do mundo, “entra na roda do mundo, diz seu verso bem bonito, diz adeus e vai se embora”, brinca sem rancor com o giro alternado da ciranda do mundo. Como acontece isto? Como o pensamento que avia sentido pode aprender a se libertar das teias vingativas da “vontade de igualdade”, como ele aprende a cirandar no grande jogo de superação do homem?

3. A ação sem pensamento de sentido: retroalimentação do sistema

Quem fica para trás, fora e à margem do fluxo do sistema niilista até pode encontrar alguma vantagem nesta situação, desde que queira, como diz e faz Nietzsche, pensar sentido na solidão, desde que tenha paciência, calma, e não queira logo, – por questão de “higiene” (KSA 13, 14[102], p. 279) – também se ver livre da marginalização sistêmica. Ou seja, a vantagem de ficar para trás depende do reconhecimento da vontade de ação do próprio sistema, depende do reconhecimento da dinâmica de agenciamento e arrebanhamento do próprio sistema niilista – depende da “higiene” de “não fazer nada”, “de não reagir quando se está esgotado”. Só há vantagem em ficar para trás quando esta situação de “não-ação” (*nichts thun*) se transforma em um “caminho de criação”, quando se percorre sem lamento e mágoa o caminho solitário e transformador da vontade. De outra feita, todo aquele que fica para trás está apenas servindo de retroalimentação, fornecendo dados novos ao *feed-back* de correção e reinvenção do sistema niilista, seja tanto porque tem ambição e ânsia de ser o administrador e reparador do sistema seja porque se tornou uma peça refugada, uma falha que merece atenção especial, para ser reparada e “incluída socialmente” em seu ciclo.

4. A vingança reparadora da “velha senhora: um pensar contra o tempo

Normalmente quem fica para trás ou quem é deixado para trás, esquecido, enfeitado da onda de atualização de um poder vigente, procura sair do prejuízo, fazer uma recauchutagem, uma plástica na vida para gozar novamente do bem-estar e da proteção social. Quem fica para trás geralmente se sente como um excluído e marginalizado, vê e entende a si mesmo como uma pessoa carente, com alguém que precisa de muita riqueza, de muito poder para sair da miséria e superar a todos e estabelecer sua vontade como ordem hegemônica. Foi justamente assim, por exemplo, que Clara Zahanassian, a protagonista de *A visita da velha senhora*, de Friedrich Dürrenmatt, refletiu sobre o sentido de sua exclusão da cidadezinha de Gullen, quando ainda jovem e fora acusada de prostituição. Ela tornou-se milionária para se vingar de fatos passados e tornar o mundo igual a si. Seu pensamento vingativo quer uma igualdade no mundo, por isto, inescrupulosamente ela diz: “O mundo fez de mim uma mulher da vida e eu quero fazer dele um bordel” (p. 115)⁴.

Em *O andarilho e sua sombra*, Nietzsche distingue dois tipos de vingança: 1) a decorrente da *autopreservação*, que com um forte contragolpe quer logo destroçar o mecanismo ofensivo, para assim “estancar a injúria, fazendo a máquina parar” e 2) a vingança de *reparação*, que precisa de tempo para imaginar como o adversário pode “ser atingido mais certamente”, esta pressupõe uma “reflexão sobre a vulnerabilidade e capacidade de sofrimento do outro” (§ 22). A vingança de Clara Zahanassian corresponde à este segundo tipo: para desferir o golpe certo,

⁴ Friedrich Dürrenmatt (1921-1990), “uma das figuras mais importantes do teatro contemporâneo” (John Gassner), descreve, nesta peça teatral, com sua visão crítica e irônica dos absurdos da existência humana, a situação de crise econômica da cidadezinha de Gullen, na Europa central, que, para sair da decadência, aceita a proposta de uma ilustre visitante: “eu dou um bilhão à cidade e, com esse dinheiro, compro justiça para mim” (p. 53). A ilustre e milionária visitante é a velha senhora Clara Zahanassian que retorna a sua cidadezinha natal para reparar uma injustiça cometida contra ela quando jovem. Aos dezessete anos Clara apaixonou-se e ficou grávida de um jovem ambicioso, Alfred Schill. O rapaz ficou assustado e não quis assumir a paternidade. Clara abriu um processo contra ele e exigiu justiça para si e para o filho que ia ter, mas Alfred arranjou algumas testemunhas difamadoras, que alegaram que também haviam dormido com ela. Clara foi humilhada e expulsa da cidade, tornou-se prostituta e posteriormente esposa de um milionário (Zahanassian). Depois de muitos casamentos com outros milionários, Clara agora volta à cidade para vingar-se da injustiça cometida contra ela. Esta peça, *A visita da velha senhora*, retorna de tempos em tempos aos palcos brasileiros, mas foi encenada pela primeira vez por Cacilda Becker, em 1962.

ela compra secretamente e manda fechar todas as empresas de sua cidadezinha, deixa toda população desempregada, todos se tornam dependentes de sua ideia extravagante: comprar por um bilhão a reparação de uma antiga “injustiça”.

5. A fermentação da vingança em “espírito”

O “espírito de vingança”, apresentado por Nietzsche no *Zaratustra* (ZA II, *Da redenção*), decorre de uma transformação da vingança reparadora de Clara em espírito, em “*Geist*”. A vingança de reparação de Clara ainda não é “*Geist*”, ainda está personalizada e individualizada por um acontecimento especificamente demarcado no tempo e no espaço. Para se tornar *Geist*, a vingança reparadora tem que ser mais radical, tem de querer com um contragolpe, como a vingança de autopreservação, eliminar de uma vez só o mecanismo ofensivo: precisa “sair de si” (*gheisd*), deixar que a vingança fermente (*gären*) mais e mais, transforme tudo, iguale tudo à condição do sujeito vingador⁵. O que faz crescer a massa da vingança reparadora de Clara é vontade de igualação do mundo à sua própria situação: “O mundo fez de mim uma mulher da vida e eu quero fazer dele um bordel” (p. 115). Para tornar-se espírito, a vontade vingadora da igualação precisa fermentar o mundo inteiro, não levedar e azedar apenas a cidadezinha de Gullen. Para ser “espírito”, a vingança precisa levar a risca o ditado de Clara: “transformar o mundo inteiro num bordel”, cortar o rabo de todas as raposas, igualar todos e tudo. No entanto, ao radicalizar a vontade de reparação, expandindo ao máximo o crescimento de sua massa homogênea, a vingança reparadora descobre-se presa ao tempo e às condições climáticas do mundo. A vingança reparadora está aprisionada e condicionada pelos limites materiais do mundo, não pode fermentar e ampliar sua vontade de vingança sem que lhe seja dada uma matéria a ser modificada: um sofrimento, uma mágoa, um dissabor, um descontentamento, uma contradição no tempo. Não podendo expandir-se em direção ao passado, a vingança está limitada por uma dinâmica inquieta, por um fluxo incontido de sempre ter que modificar o presente para ocultar o passado. Seu poder de modificação do presente está circunscrito à economia temporal do próprio querer, querendo para o futuro, ela se expande e pode

⁵ No dicionário dos irmãos Grimm, a palavra alemã “*Geist*” aparece com um parentesco etimológico com a noção de “estar fora de si”, “ficar boquiaberto”, “fermentar”, “levedar da cerveja”, “espumar” etc. Cf. *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*.

gastar o quanto quis e não querendo querer, ela só pode não querer e gastar o quanto quis não querer. Ou seja, o poder da vontade é finito, está sempre dependente das finanças limitadas de um quanto de quer. Na descoberta deste seu limite espaço-temporal de crescimento da massa igualadora, a vingança “sai fora de si”, transforma-se em algo necessariamente sempre diverso de seu mundo, torna-se “espírito de vingança” – uma interpretação e uma decisão sobre o “tempo e o seu era”. Tornada “espírito”, um “fora de si” interpretativo do todo do mundo, a vingança não se dirige mais contra um fato passado no tempo, mas contra todo o “tempo e o seu era”. Esta expressão “o tempo e seu era”, proferida por Zarathustra no discurso *Da redenção*, não destaca apenas um caráter isolado do tempo, o passado, deixando de lado os demais aspectos, o presente e o futuro ⁶. Quando se torna espírito, a vingança “sai fora de si”, posiciona-se diante do todo do mundo, diante das condições materiais de seu poder ser no mundo, iguala-se e unifica-se ao azedume do fermento de toda vingança reparadora. Enquanto “espírito de vingança”, o querer fermentador da vingança volta-se contra o todo das condições de ser do mundo. Na loucura de sua vontade de transformação de todo presente em um futuro que apague o passado, o espírito de vingança postula a imperfeição deste mundo feito de fatos passados, constituído por um querer diferente do seu. Zarathustra ensina que “a vontade é o nome do libertador e trazedor de alegria” (ZA II, *Da redenção*), mas ela mesma se acha no cativeiro com os diversos fragmentos, membros avulsos e pedaços esparsos dos fatos de sua história. Para querer a vontade já deve dispor do poder a ela conferido pelos fragmentos da história de uma existência. A vontade está inserida no círculo histórico do poder de seu querer e de querer do seu poder. Nesta situação circular da vontade jaz sua grande possibilidade de redenção criadora, na finitude de seus recursos se encontra a grande fortuna de sua aventura de existir. A redenção pode se dar como uma bênção criativa de sua finitude, “jamais ouvi coisa tão divina” (GC § 341) ou como uma negação doida, uma “zombaria da sua prisão” (ZA II, *Da redenção*).

⁶ Neste sentido, Heidegger, afirma que “Nietzsche determina a vingança como “a recalitrância da vontade contra o tempo e o seu ‘era’. Esta determinação assim acrescentada não enfatiza unilateralmente um caráter isolado do tempo, negligenciando os dois outros, mas ela caracteriza o aspecto fundamental do tempo em sua essência plena e própria” (HEIDEGGER, M. *Quem é o Zarathustra de Nietzsche*. In: *Ensaio e Conferências*, p. 101). Na verdade, esta determinação não se refere à vingança, mas da vingança enquanto “espírito”, enquanto “espírito de vingança”, não mais como uma vingança reparadora ou de autoconservação.

Pensar sentido: “recuar alguns degraus...”

Clara não conseguiu enriquecer o seu patrimônio afetivo com o vintém de um “foi assim” de sua história, nenhum valor tinha para ela este fragmento avulso e horrendo ocaso. Clara não encontrou vantagem alguma em ter ficado para trás, em ser deixada à margem e fora dos padrões usuais de vida de sua cidadezinha. Querendo juntar divisas para se vingar desta exclusão, Clara julgou-se e mediu-se com os mesmos valores que circulavam na economia moral de sua cidade. Desperdiçou a oportunidade de meditar, de *besinnen*, sobre a vantagem de ter ficado para trás, não quis ajuntar do chão da vida e compor, com um “grande esforço de *Besonnenheit*, de reflexão” (HDH I, §20), este “foi assim” de sua história. Ao invés de meditar sobre a possível vantagem de ser marginalizada, Clara quis logo juntar divisas, para tornar-se rica e poderosa, segundo os padrões e as medidas da lei de mercado de seu mundo imperfeito e decadente. Sem duvidar deste sistema de valores, Clara tenta se redimir com a grande loucura da vontade prisioneira: vinga-se do acaso de sua história, tem completa “aversão pelo tempo e seu ‘foi assim’” (ZA II, *Da redenção*).

Nietzsche afirma em *Humano, demasiado humano*, que somente um “supremo esforço de reflexão é capaz de superar a metafísica” (§ 20), para tanto é preciso “recuar alguns degraus, fazer um movimento para trás”, “compreender a justificação histórica” dos valores humanos. Somente um grande esforço de meditação, de *Besinnung* é capaz superar o “espírito de vingança” da metafísica, é capaz de encontrar uma “vantagem” dos acasos e fragmentos históricos da existência humana no mundo. Meditar sobre o sentido significa deter-se junto ao aviamento de sentido de tudo que sentimos no jogo do mundo. Somente bons jogadores, segundo Nietzsche, podem sentir e ver, sem rancor, o espetáculo do jogo do mundo. Afirma Zaratustra: “para que a vida seja bem considerada em seu modo de ser, o seu jogo (*Spiel*) precisa ser bem jogado: mas para tanto ela requer bons jogadores (*Schauspieler*)” (ZA II, *Da prudência humana*). Os bons jogadores sabem meditar sobre o aviamento de sentido da vida porque procuram aproveitar todas as migalhas que caem das mesas dos jogos já regrados da existência humana, “aspiram juntar e compor em unidade o que é fragmento, enigma e horrendo ocaso” nos lances da vida. Quais são as regras do jogo metafísico que culminam no niilismo?

6. O jogo como pressuposto essencial da grande tarefa de superação da metafísica

Nas anotações póstumas Nietzsche descreve o niilismo como uma “consequência necessária das valorações até aqui” (KSA 12, 2[100], p. 109), uma “consequência necessária dos ideais até aqui” (KSA 12, 9[1], p. 339), cuja causa e origem se encontra em uma crença na constituição do mundo, “a crença nas categorias da razão” (KSA 13, 11[99], p. 49). A razão humana, segundo Nietzsche, inventou o mundo fictício das categorias de “finalidade”, “unidade” e “ser” para estabelecer uma perspectiva de valoração, uma estimativa das “condições de conservação e intensificação [...] da vida no interior do devir” (KSA 13, 11[73], p. 36). Estas categorias são o “resultado de determinadas perspectivas de utilidade para a conservação e intensificação das configurações de domínio humano” (KSA 13, 11[99], p. 49). A metafísica surge como consequência da invenção do sujeito-causa, da incriminação e imputação de culpa a determinado “foi assim” dos acontecimentos. A metafísica decorre de uma determinada perspectiva de compreensão da constituição do mundo: “uma espécie de perspectiva no ver é novamente posta como a causa do próprio ver” (KSA 12, 2[193], p. 162), uma determinada interpretação do mundo “vale como a interpretação” (KSA 12, 5[71], p. 212) do mundo. A concepção nietzschiana da vontade de poder é fundamentalmente relacional-perspectivista, considera o mundo “essencialmente como um mundo de relações” (KSA 13, 14[93], p. 271), “por toda parte”, como “um jogo de forças”, “ao mesmo tempo um e muitos” (KSA 11, 38[12], p. 610). Ao mundo substancial e racional da metafísica Nietzsche contrapõe um “mundo-jogo”, onde sempre já nos encontramos dentro jogando e cirandando na roda do querer-poder, querendo o que podemos e podendo o quanto queremos. Negar esta estrutura circular, sempre perspectiva do mundo, significa ser desmancha-prazeres, sair da roda sem dizer seu verso, significa repetir o destino metafísico de Clara Zahanassian: vingar-se contra os dados lançados no jogo histórico de constituição do mundo. O grande desafio lançado por Nietzsche ao homem moderno consiste em pensar o aviamento do sentido dos horrendos acasos, aleijamentos e fragmentos da história humana. Ele “não conhece “outro modo de lidar com esta grande tarefa senão *o jogo*: este, é como indício de grandeza, um pressuposto essencial” (EH, *Por que sou tão inteligente*, 10). Jogando o jogo marginal da meditação de sentido, talvez possamos alcançar, como diz Nietzsche, “a maturidade do homem”, – i. é, – “reencontrar a seriedade que se tínhamos no jogo enquanto criança” (KSA 10, 3[1], p. 91) e desta forma, então, nos descobriremos “de certo modo também como um aleijado, nesta ponte” (ZA

II, *Da redenção*) de composição criativa do além-do-homem e assim passemos também a rir de nossos tropeços. “Eu santifiquei o riso, ó homens superiores, aprendei – a rir!” (ZA IV, *Dos homens superiores*, 20).

Referências bibliográficas

DÜRRENMATT, Friedrich. *A visita da velha senhora*. Trad. Mario da Silva, São Paulo: Abril S.A. Cultural, 1976.

GRIMM, Jacob e GRIMM Wilhelm. *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm*. 16 vols., Leipzig: S. Hirzel 1971.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Kritische Studien Ausgabe* (KSA), G. Colli e M. Montinari (ed.), Berlim/Nova Iorque: De Gruyter, 1999.

_____. *O andarilho e sua sombra* In: *Humano, Demasiado Humano II*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém (ZA). Trad. Mario da Silva. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

_____. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é* (EH). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A vontade de poder*. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

Nietzsche e a vantagem de ficar para trás, meditando sentido (*besinen*)

ROMBACH, Heinrich. *Die Welt als lebendige Struktur*. Freiburg: Rombach Verlag, 2003.

SEEBOLD, Elmar. *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, 24^a ed., Berlin: Walter de Gruyter, 2002.